

# REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO, 1882.

N. 2.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria provisoria do Centro Litterario, rua da Prainha 172, sobrado.

A commissão pede ás pessoas da corte ou do interior que desejarem ter a Revista, queiram enviar seus pedidos ao lugar acima.

Temos recebido os seguintes jornaes:

Do Rio de Janeiro — A *Revista Illustrada*, *Revista do Retiro Litterario Portuguez* (5 numeros) A *Ordem*, e o *Progresso* (3 numeros).

Da Província — O *Fluminense* (Nitheroy) o *Vassourense*, o *Itaiaya*, o *Resendense*, *Echo da Magdalena*, a *Tribuna de Valença*, *Correio de Cantagallo*, o *Arauto*, o *Monitor Fidelense*, e *Monitor Campista*.

Província de S. Paulo — *Opinião Liberal*, *Tribuna do Norte*, o *Nortista*, o *Diário da Tarde*, *Gazeta de Taubaté*, *Rio Branco*, o *Tempo*.

Província de Minas Geraes — O *Echo do Povo*, o *Arauto de Minas*, o *Leopoldinense*, o *Rio Branco*.

A todos estes collegas agradecemos, não só a permuta, como tambem as benevolas expressões.

Em vista da grande affluencia de artigos, a commissão de redacção e censura pede aos Srs. associados que remetam seus trabalhos sómente até o dia 5 de Janeiro afim de serem publicados no 3º numero da Revista.

## REVISTA DO CENTRO LITTERARIO



Rio, 15 de Dezembro de 1882.

### OÁMOS!

E o nosso primeiro voo foi saudado por todos aquelles que souberam, com justiça, avaliar os nossos esforços.

É que as idéas sãs e uteis, são, e serão sempre, apoiadas pelos homens justos e honestos.

E nós traduzimos essas saudações e esse apoio, como um animador — avante! — que se nos dirigia.

Eis porque voltamos.

Voltamos a caminhar pela senda espinhosa da literatura, a trabalhar á sombra benefica da nossa divisa, porque disseram-nos, e nós o acreditamos, que d'esse ingente esforço resultará infallivelmente um grande resultado: — o robustecimento dos nossos debeis músculos, para, mais tarde, estarmos habilitados a praticar maiores commettimentos.

Voltamos a esvoaçar nas lucidas regiões da poesia,

porque, como aveinha implume que somos, queremos — e o querer é poder — que as nossas nascentes azas se desenvolvam a tal ponto, que nos permittam dar mais numerosos e amplos vôos.

Voltamos, finalmente, a manifestar as nossas poucas aptidões intellectuaes, porque, acorçoados pelos vossos aplausos, ousamos afirmar que o nosso labor é em prol da patria querida; pois o engrandecimento d'ella será tanto mais rapido, quanto mais depressa seus filhos instruirem-se reciprocamente.

Voltamos, pois.

E, ao fazermos nossa segunda apresentação, sentimo-nos mais animosos, porque tivemos fraternal acolhimento, por parte d'aquelle, em cujos corações generosos, reflectos de bondade e justiça, não ha logar onde se aninha a pessima qualidade que inspirou, a espirito mesquinho, uma interjeição de agoureira duvida...

★

Mas, uma vez que nos apresentamos de novo, devemos dizer, positivamente, quem somos.

Pois bem, escutai: — Os colaboradores d'este modesto orgão, são jovens que, durante as horas diurnas, labutam pela manutenção da propria existencia, e que, sómente a noite, elles, audazes sonhadores, vão cultivar a sua intelligencia, conforme os diminutos recursos de que dispõem.

Elles constituem, enfim, parte da mocidade que, na phrase eloquente e simples do grande Xavier de Novaes, tem

*De dia a mão no trabalho  
De noite o livro na mão.*

Merecem, portanto, benevolencia.

★

Vamos, para terminar honrosamente, cumprir um grato dever:

Collegas e mestres! — Vós que soubestes compreender a justiça da nossa ambição; — vós que nos animastes a prosegui na realisaçao de nossos pratioticos intentos; — vós, estrênuos defensores das nobres causas, illustres jornalistas: — aceitai o nosso sincero reconhecimento e fique certos de que as palavras affectuosas que nos dirigistes, não cahiram em terreno ingrato.

Essas palavras, que já fizeram germinar em nossos corações uma sublime virtude — qual é a da gratidão — servir-nos-hão ainda, não só de vivificante alento, como tambem de fortissima couraça, com a qual resistiremos aos rudes e formidaveis golpes da adversidade.

## O PLAGIARIO

**N**ão é um mytho, um sonho, um ente imaginario, porque vegeta e cresce ; existe, o plagiario ! Elle é qual parazita que enrosca-se ao arbusto e a seiva lhe absorve, a florecer sem custo ! E' qual salteador que vai pedir á estrada, a incerto viajante, a bolsa recheiada ! Qual frade cachaçudo que, em — santa — quietação espera que lhe sirvam a gorda refeição, assim, o plagiario espera que, o talento, lhe supra, ao rude espirito, o pasto succulento !

\*

Abre, ao acaso um livro (sem lhe buscar autor) e, se depara n'elle *conceito* a seu sabor, copia-o no *canhenho*, e em propria occasião, impinge o tal conceito, por sua creação ! De tudo que ha selecto, em prosa e poesia a *pieuvere litteraria* se apossa e se aproopia ! Se passa conversando, acaso, um erudito, elle segue-o mansamente, a vêr se apanha um *dito* : Se está parado, além, um grupo de lettrados, eil-o de ouvido attento, á cata de — *apanhados*.

\*

Percorre as praças publicas, hoteis e botequins, e faz ampla colheita das phrases mais *chinfrins* : e já de *apontamentos* tendo o canhenho-cheio lá vai impor de *sabio* com o talento alheio ! Nos bailes, no intervallo, e dando o braço ao par, então despeja o *cesto* que encheu a plagiar ; e bem feliz será o pobre autor roubado, se, o pensamento seu não fôr *assassinado* ! Lá junto do piano, quando ha recitativo eil-o peripatetico, exoticó, reflexivo, que em largo — gesto ousado, — recita como seu o — «minh'alma é triste» — do malogrado Abreu !

\*

**N**ão ! Não é mytho, um ente imaginario, pois, entre alheios livros, se forma o plagiario ! Elle não é mendigo que implora a caridade, mas é bandido vil que ataca a propriedade : tambem não é valente que ataque á mão armada, mas é rato daminho, que rôe pela calada ! Não é um mytho, não : vegeta em cada esquina, porque brota do lodo do esgoto, da sentina ! E' ente indefinível : não tem classificação ; é quasi parodoxo, é quasi aberração. Da humana condição gosa por incidente, e o seu proprio viver é um plagio permanente ! Espírito rebelde ás letras e á luz, é qual terreno ingrato, que nem cardos produz. Crâneo obtuso ao livro, ás letras refractario plagia inutilmente o inutil plagiario !

DUARTE PORTO.

## IDEALISMO

A' ABEL PORTO

**E**bella ! os olhos fulgentes, Pela igualdade da cor, Dão a saphira um valor Que não tem os seus lusentes !

A bocca — é ninho de amor. Em seus sorrisos frequentes, Deixa ver uns alvos dentes, — Perolas de alto lavor.

Longos e louros cabellos Cahindo em grossos novellos Vem cobrir-lhe o farto seio !

**E**bella ! mas... triste sina ! Desforma a pobre menina Um pé — trinta e seis e meio.

M. DE MIRANDA.

## O Zé Povinho

**E**lle, e é quanto basta.

Se é bom ?

Pacifico ?

Mau ?

Desordeiro ?

Amante das instituições ?

Observae-o e vereis que é tudo isso.

Vêde-o, em mangas de camisa, a trabalhar alegremente, e a cantar, em quanto grossas bagas de suor lhe cahem do rosto.

Esse é o Zé Povinho, o genuino.

Esse é o Zé Povinho, bom, pacato e amante das instituições.

Olhae agora.

Lá pôz um chapéo á banda e eil-o que caminha bamboleando-se todo.

Já não é o mesmo, é um outro.

O prazer d'este é fazer guerra (guerra ?...) é levantar um obstaculo á marcha do progresso.

E' desordeiro, mau e revolucionario, se revolucionario se pôde chamar áquelle que faz mal por indole e não em proveito de uma idéa.

Esse Zé Povinho é o Zé Povinho bandido, o Zé Povinho assassino...

Uma mancha, emfim, na sociedade.

Eis que se transforma de novo.

Agora *deitou* sobre-casaca.

Faz um discurso.

E' o Zé Povinho orador.

Não vive senão de hyperboles.

O seu almoço é o pão...do espirito.

O seu jantar, quatro flores de rhetorica, em falta do fructo, porque a rhetorica é uma arvore que só dá flores e não dá fructos.

Quando o Zé Orador falla, é para se enganar a si proprio, para desviar a attenção da fome que o tortura.

E por isso, falla sempre.

E' o Zé Povinho martyr.

Sacrifica-se para fazer discursos áquelles que o apreciam.

E' desgraçado, mas não o mostra, nem o diz.

N'isto é que está a sua gloria.

\*\*\*

Bem ! Agora calou-se.

Pegou na penna :

Escreve.

Que escreverá elle ?

Versos !

E' o Zé Povinho poeta, sonhador, pensador inoffensivo.

Vive dos seus sonhos, o que não se pode chamar vida folgada.

Adora todas as mulheres.

Porém não é por ahí que se o conhece.

Aqui estou eu que tambem adoro as mulheres e, entretanto, não sou poeta.

E' apenas questão de gosto.  
 E' feliz esse Povinho !  
 Vive cantando.  
 Canta sonhando.  
 Sonha pensando.  
 Pensa rimando.  
 Rima adorando.  
 Adora mentindo.  
 Mentindo sim, por que os poetas antigos (que só o eram quando amavam) estabeleceram essa praxe e os modernos que não encontram quem os ame, por falta de *quorum*, inventaram o amor... de rhetorica.  
 E é illos a cantar.  
 Canta, Zé !  
 Canta ! Vai cantando, até que um dia dançarás.  
 Teu corpo se embalará na languidez da walsa, quando um dia deixares de cantar.  
 Canta, pois, oh ! Zé !  
 Canta, que o cantar consola, a consolação avigora, o vigor dá saude e a saude cura as manias.  
 Canta, pois, oh ! Ze !

\* \* \*

Tiremos o chapéo.  
 Façamos a continencia.  
 Ah ! vem o Zé Povinho.  
 Mas... cuidado !  
 Não o chameis de Zé.  
 Seria uma desgraça, para vós.  
 Vem de casaca.  
 Tão empertigado assim, quem o conhecerá ?  
 Só Deus... e a humanidade.  
 Elle é claque.  
 Botinas de verniz.  
 Bigodes encerados.  
 Pastinhas.  
 Cheio de curvaturas.  
 Emfim, é o Zé Povinho aristocrata.  
 Elle não quer que se diga que elle é Zé Povinho... mas...  
 O que se h'ide fazer ?  
 A verdade, mandi Deus que se diga.  
 Por isso, eu repito aqui :  
 E' o Zé Povinho !... o graúdo !  
 O Zé Povinho fidalgo !  
 O Zé Povinho renegado !  
 Tenho a cartilha do meu lado.  
 O meu advogado é o cathecismo.  
 Confiado na sua eloquencia é que eu repito :  
 — E' o Zé Povinho.  
 E' como a mariposa :  
 Vive a esvoaçar em torno das luzes.  
 Por isso, vive de noite.  
 De dia não vive, — dorme.  
 E quem dorme durante o dia, é um rebelde ás leis do trabalho.  
 E' um ocioso.  
 E quem é ocioso é um ente inutil.  
 E um ente inutil dá prejuizo á sociedade.  
 Portanto, abaixo o Zé fidalgo !  
 Abaixo o parazita !

ABEL PORTO.

## BOA DESCULPA !

**A**vistando certo pintor  
 Uma formosa donzella,  
 Dirigiu-se para ella  
 E lhe fallou com ardor :

— E's de belleza um primor !  
 « Tua face linda e bella  
 « Daria esplendida tela !  
 — « Meu anjo !... Querido amor !... »

E a donzella respondeu :  
 — Pensa o Senhor que eu  
 Sou d'essas mulheres à tua ? !

— Senhora ! amando o bello  
 Só desejo-a p'ra modelo  
 E nada mais... Essa é boa !

Rio, 15 de Dezembro de 1882.

J. L. REIS.

## UM CASAMENTO NA ROÇA

(Conclusão)

Todos tinham uma ocupação e demonstravam no rosto uma alegria exemplificativa de vivo contentamento. Oh ! a festa, pelo que viamos, devia ser maravilhosa ! De quando em quando chegavam convidados de todas as esferas d'aquelle sociedade essencialmente provinciana.

Rangia uma porteira, abria-se e apparecia o vulto meio risonho do Sr. Athanasio, que exhibia a sua casquinha de velludo dos ultimos annos do seculo passado; e ao seu lado, sua irmã, D. Barbara Generosa, senhora que nunca se tinha casado, e que fazia visivel, abaixo do seu rosto enrugado, o seu chale-vermelho que lhe déra um dos seus pretendentes, aqui ha uns trinta e tantos annos atraz.

Rangia de novo a porteira e lá apparecia o vulto barigudo e espacoso do Sr. Bonifacio Antunes, influencia do partido liberal e subdelegado do lugar.

E todos eram assim pouco mais ou menos.

A's quatro horas da tarde chegaram os noivos, casinhos de fresco. Elle, o Quincas Barboza, um rapagão bonito, com um bigode louro que lhe enfeitava o rosto, estatura elevada, e os hombros espadandos; ella, a Izabelinha, como lhe chamava a gente do lugar, era uma das mais lindas raparigas d'ali. Os seus cabellos eram tão negros e brilhantes como os seus formosos olhos, o oval do rosto bem contornado, um sorriso pequeno que sempre lhe brincava nos labios e ao mesmo tempo um certo ar de candura, formavam um conjunto que podia equiparar-se ao rosto dos mais formosos anjos.

Ainda bem os dois *pombinhos* não tinham chegado ao meio do terreiro e já todos eram prodigos em manifestar-lhes suas congratulações, em apertal-os com seus abraços, e em cobril-os de flores. Das moças, aquellas mais anciosas do casamento, vi cercarem os novos conjugues na porteira sómente para não perderem a *primeira vasa*, e entre elles distingui D. Barbara Generosa, com seus sessenta annos bem seguros.

A's cinco horas da tarde serviu-se o sumptuoso jantar, cujo menu furto-me ao trabalho de descrever; sómente direi que alli não faltava o *senhor-leitão recheiado*, figura

principal de todos os jantares, e o *senhor perú*, muito digno representante da familia gallinacea.

O jantar foi succulento! Imaginem que aquellas deliciosas iguarias foram preparadas pela mão magica de D. Joanna, que tinha fama n'aquelle lugar e suas immediações de mestra de tudo quanto pertences e á arte culinaria!

Intercalado de saudes as mais interessantes, o jantar terminou debaixo de modinhas, discursos, hiffs e hurrahs!

O professor publico Claudio Pestana, depois de pedir a palavra como se estivesse em uma sessão parlamentar, *arengou* por espaço de meia hora, umas cousas, sempre cheias de lisonjas á D. Isabelinha, tales como: Estrella rutilante das florestas! Brilhante engastado no firmamento dos Pilões!.. (Este é o nome do lugar.)

Sucedeu-lhe o vigario, que encheu o auditorio de tanto latim, que D. Barbara e D. Joanna, contrictas e ajoelhadas, já resavam a um canto!

Findo o jantar todos passaram para a sala do baile.

Os rapazes tratavam de cabalar pares para as sextas e oitavas quadrilhas, porque para as precedentes já haviam contractos de semanas e mais semanas transactas.

D. Luizinha, uma moça muito bonita e sempre muito risonha, pousou os dedos nas teclas e dedilhou uma polka. D'ahi a pouco já os pares revoluteavam pela sala, acompanhando as notas compassadas do piano.

Depois as walsas! depois as quadrilhas! Era um *zum-zum*, um alvoroco e uma alegria geral!

Deram nove, dez horas, e a animação da festa progredia aceleradamente.

Instantaneamente os que não dançavam saltaram para o terreiro e n'esse grupo ia eu, sedento de curiosidade,

Os escravos tinham *rebentado* um *jongo*!

As mulatas e as crioulas saracoteavam! Os pretos pulavam e tocavam o *Cachambú*, que é um instrumento exotico, que me não dou ao trabalho de descrever.

Então principiaram as cantigas as mais burlescas e originaes....

Após a cantiga dos pretos, a gargalhada dos que rodeavam o centro onde aquelles se divertiam.

E na sala as quadrilhas precediam ás walsas!

O piano parecia-me tocado por outrem; fui ver: era o Sr. Simão, que, sabendo somente tocar mal e de ouvido, collocava na sua frente uma polka e exhibia uma quadrilha!

Este Simão era uma excepção entre os que alli se achavam.

Na occasião em que o nosso *maestro moia* o seu repertorio, um grito agudo repercutiu por toda a sala.

A noiva, tendo-se descuidado, deixara o fogo de uma vela passar para a sua grinalda.

E' escusado dizer que houve *faniquito*.

A dança dos escravos continuava animada, quando um grupo de rapazes invadio o centro onde aquelles se achavam reunidos e cahiram no *quebradinho*!

O Dr. Lulú, afamado esculapio do lugar, apoderou-se do *Cachambú* e executou uma... uma variação ou cousa que o valha.

— Bravos ao Dr. Lulú! exclamavam os expectadores.

— Bravos só moço dotô! extropiavam os escravos.

No momento em que votavamos nossa attenção ao *jongo*, ouvimos os gemidos de uma viola que partiam de um lado do terreiro. Tinha *rebentado* um *cateretê* com toda

a magnificencia exigida n'aquelle genero de divertimento.

O grupo era composto de tropeiros e trabalhadores portuguezes, homens e mulheres, aggregados do Capitão Sá.

Formou-se a roda e o *batuque* começou, seguindo-se as cantigas em desafio.

Lá dentro, na sala, dançavam uma quadrilha. O Dr. Lulú marcava:

— A' esquerda! Balancez em casa! Tour!

Aqui escorregava um, acolá gemia outro dos calos.

— Caminho da roça! gritava entusiasticamente o Dr. Lulú; jararéca, nossa Senhora! Volta que tem mari-bondo! Cahiu a ponte! Pereréca! Apanha laranja!

E os cavalheiros com suas damas em *grand promenade* barafustavam para o terreiro á cata das laranjas...

Por sua vez os escravos tambem não desanimavam. O *jongo* tinha redobrado de entusiasmo, porque tinham se apresentado escravos de fazendas vizinhas.

No *cateretê* brilhavam o Manduca-feitor e o Cazusa-tropeiro com as suas cantigas espirituosas, que finalizavam cobertas por desenfreadas salvas de palma.

— Muito bem! muito bem! dizia um entusiasta: vancês são uns tébas para cantar, e dançam que faz um gosto! Seu Manduca, parabéns, gostei!

— Ora, meu amo, antonce Vmc. ainda não viu nada!

— Bravo, seu Manduca e seu Cazusa!

— Bravos!

Seguiu-se depois uma quantidade de commentarios.

Uns diziam ser o Cazusa melhor cantador, outros opinavam pelo Manduca: havia questões, mas tudo terminava em paz.

Eram cinco horas da manhã; já muitos convidados se haviam retirado e eu entendi que deveria fazer o mesmo.

Procurei o capitão Sá e não o encontrando, dirigi-me á D. Luizinha:

— D. Luizinha, tenha a bondade de dizer-me onde se acha o capitão?

— Pois não; está n'aquelle quarto, respondeu-me ella, designando a direcção; não faça ceremonia.

Dirigi-me para o lugar indicado e... o que fui encontrar?

Q capitão, o vigario, o Bonifacio Antunes e o Pestana que jogavam a *bisca*, entremeada de discussões sobre politica e de ditos agudos e anedotas picarescas, com que se riam a bandeiras despregadas.

— Sr. capitão e meus senhores, bom dia. Venho despedir-me e agradecer-lhe...

— Pois que? Já se vae tão cedo? interrompeu-me o capitão.

— Cedo?... Na verdade é cedo; são cinco horas da manhã...

— O que me está dizendo?!

— E' a pura verdade.

Despedi-me e sahi.

Tres dias depois partia para esta Côrte, trazendo commigo as mais sentidas saudades e tendo ainda em recordação, como até hoje, aquella explendida festa do capitão Sá.

E ainda me estão bem vivas na memoria as suas ultimas palavras quando me despedi definitivamente:

— Ganhe muito dinheiro e venha para cá; não ha nada como o viver placido e commodo n'estas mattas!

VELINO LISBOA.

A Antonio Rodrigues Sampaio

Rosto risonho, que no mar da vida,  
Apresentavas ao rico e pobre!  
Brilhante astro da imprensa q'rida!  
Quem é o rival do teu peito nobre?

Tu trabalhaste! Mas gloria infinda  
Adquiriste pelo teu talento!  
Os portuguezes por tu'alma, ainda,  
São fervorosos a todo o momento!

Já não existes! Mas não repousa  
O teu espirito na imensa gloria?  
Teu corpo jaz sob a dura lousa?  
E o teu nome? — Na brillante historia!

Se foste servo d'um governo atroz,  
Que não brindou tu'heroica ação,  
Quando brandindo o teu ferro algoz  
Viu o valor do teu coração.

Mais tarde foste nesse jornalismo  
O Rei das letras, o Heroe das phrases!  
Algumas d'estas... raro horoismo!  
Nas nossas mentes conservadas trazes!

Ganhaste o campo da celebridade!  
Ganhaste a honra, porque foste audaz!  
Puniste sempre pela liberdade!  
A tua alma na gloria jaz!

Descansa, Heróe, nessa impirea altura,  
Junto aos anjos, porque anjo és!  
Roga ao Eterno e à Virgem pura  
Por tua patria que tens sob os pés.

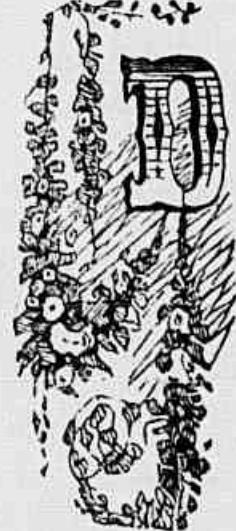
15 - 12 - 82!

JOSÉ MANOEL CARDOSO FRAZÃO.

### Traços geographicos do rio DOURO portuguez e alguns biographicos da sua marinagem

#### CAPITULO II

(Continuação do numero anterior)



ISSE no numero 1º da nossa modesta folha que o *Douro* nasce na Hespanha e desagua em S. João da Foz, povoação que faz face (a leste) ao mar, passando-me, no entanto, desapercebido o numero dos seus affuentes. Estes são, na margem direita: — o *Paiava*, a 30 kilometros do Porto; o *Corgo*, fronteiro á villa da Régoa, afamada terra dos vinhos do Alto-Douro, aonde os laboriosos na cultura vinhatica fazem os seus depositos geraes, 70 kilometros distante do Porto; e o rio *Agueda* que divide Portugal de Hespanha, a 190 kilometros do termo do Rio Douro.

Na margem esquerda, são: o *Sabor*, cujas margens são notaveis pelos bons melões e apreciaveis melancias, distante do Porto 160 kilometros; o *Tua* a 110 kilometros, e o *Tâmega* a 35 kilometros da nossa cidade invicta.

Todos estes confluentes do *Douro* têm a denominação de rios, porém nenhum d'elles é navegavel, e só o *Tâmega* e *Sabor* concedem passagem a pequeninos barcos, feitos expressamente para o trabalho da pesca, fornecendo aos pescadores o fructo que o *Douro* conservava em seu seio e que lhes deixou quando os engrandeceu com as suas abundantes aguas.

Estes affuentes tem a sua origem no cume das mais montanhosas provincias que fazem face ao *Douro* e percorrem grande distancia por entre montes, valles, campos e rochedos, regando diversos terrenos situados nas suas margens, e recebendo de outras immensas correntes de agua que, de ordinario, têm a sua nascente em alguma rocha existente nos proprios campos, de forma que, engrossados assim, bramam atrozmente quando se precipitam de algum despinhadeiro nas medonhas cataratas do seu leito.

Depois, como o misero trabalhador cansado das lides quotidianas, procurando um repouso ao fatigado corpo, formam a sua foz e entram no *Douro* subtilmente, qual outro prodigo nos braços de seu pae, que o recebe com afaveis carinhos!

E assim descansa n' dos sofrimentos que recebem durante o largo decurso de sua longa viagem.

Dizem então os marinheiros do *Douro* que *as suas aguas*, por mais imundas que sejam, repletas de barro, de homens que foram victimas de algum naufrágio, de animaes putrificados, etc., etc., não são nocivas á saude em consequencia de serem muito batidas nos inumeraveis rochedos que o *Douro* em si contém; (!) e os viajantes que transportam o *Douro*, pela via fluvial, fiados n'aquelle *lenga-lenga* preferem a agua d'aquelle rio á de qualquer fonte de agua limpida e pura!

O marinheiro ou transeunte do *Douro* que, por casualidade, está bebendo de sua agua na occasião em que perto d'elle passa um morto, não deixa de beber.

Todos os costumes d'aquelle gente tornam-se bastante graciosos para todos aqueles a quem a natureza dotou com mais alguma intelligencia. E como são costumes quasi hereditarios, apontarei alguns de maior importancia:

Todos sabem que o *Douro* tem sido o algoz de milhares de individuos submersos nas suas aguas!

Pois bem. Qualquer d'essas victimas conserva-se no fundo do rio por espaço de seis, oito ou quinze dias, findo os quaes sóbe á flor d'agua obrigada pela sua força, assim como segue *Douro* abaixo obrigada pelo impeto da sua fortissima corrente.

Eis que o marujo se acha á beira do rio, e, aferrado á pessima crença jesuitica na occasião em que o morto passa, principia a chamar por elle:

«Manoel! José! Antonio! Francisco! João! Joaquim! Anda a sagrado! Vem á terra abençoada por Nossa Senhor Jesus Christo! Anda te enterrar, irmão! Terás por tua alma uma missa de corpo presente!»

E o marinheiro não deixa de pronunciar quasi tantos nomes quantos existem na celebre folhinha eclesiastica, até que o morto, cahindo em algumas das resacas de aguas das muitas que o *Douro* tem, volta, á terra, se não mais perto, mais distante do credulo marinheiro, o qual assevera — o morto vir á terra por ouvir as santas palavras que elle havia proferido antes, affirmando que, se não veio antes, foi em consequencia d'elle (marinheiro) não acertar primeiro com o nome d'elle (!) e eil-o prompto a jurar, se for necessário, que o morto se chama... por exemplo — Pedro — o ultimo nome que proferira! Mas, se o morto vai no fio da corrente, a qual não o deixa torcer para algum dos lados, o marinheiro, depois de se cançar em chamar por elle, e sem obter o minimo resultado, tira a seguinte conclusão: — que o pobre fallecido, ou por não ir á missa, ou por não se confessar, ou por deitar agua no vinho, ou por ludibriar os companheiros na sua ração de sardinhas, — é excommunicado (!) e deixam-n'o ir pela agua á baixo! E' que elles entendem, que o morto, sendo catholico-apostolico-romano, tem a restricta obrigaçao de vir procurar a terra que lhe deu o ser, tão sómente pela influencia das suas santas palavras!

— O que é a ignorância !!

Apóz a ignorância têm os marinheiros o duro trabalho quotidiano, e muitas vezes, obdecendo cégamente ao fornecedor do alimento de suas esposas e tenros filhos, trabalham de noite, encontrando a cada passo a terrível foice da medonha parca ! Faz estellar de compaixão, ainda os corações mais rebeldes, o seu trabalho na estação do inverno : — Logo ao amanhecer, levantando-se da cama *tarimba* em que todos, como a sardinha em barrica, passam as rigorosas noutes de tempestade, pegam na corda que se amarra ao barco, vão puxando este até ao ponto do seu destino necessitando para isso tirar a neve amontoada na mesma corda, para poderem enroscal-a nos seus fortes braços, não obstante ficarem em certas ocasiões com os músculos entorpecidos pelo tormentoso frio ! Em compensação temos os seus rostos alegres constantemente, pairando um riso animador em seus lábios, e as suas faces enrugadas, mas coradas, dão a conhecer que possuem corações sublimes e cheios de bondade. — Consideram-se felizes !

— Ao passo que no inverno soffrem, no estio gozam: a *vella* tira-lhes grande parte do seu trabalho, e de noute, quando em viagem para o Porto, entoam aquellas apreciaveis modinhas uzuais no *Douro*, como: os *fados marítimos*, *Lisbonense*, *Conimbricense*, *Portuense*, *Caninha verde*, *Senhor da Serra*, *Regadinho*, e varias outras em que elles são mestres, e o écco produzido por aquelles agradaveis sons vae repercutir-se no cerebro dos habitantes das margens do *Douro*, como as agudas e melodiosas notas do nosso decantado rouxinal.

Que bellissimas noutes de luar !!

Que ternos encantos de poesia !!

(Continúa.)

J. M. CARDOSO FRAZÃO.

15 de Dezembro de 1882.

#### EM VIAGEM

**R**EALISOU-SE a primeira das maguas minhas que trago:  
— Aqui um bosque e um lago  
e a noite por conselheira.

Da lua a luz prateada  
boiava no lago manso,  
como a donzella em descanso  
por visões arrebatada.

Lembrei-me do lar: saudoso,  
as águas fitei, choroso,  
d'esse lago adormecido,

E vi, então, soluçante,  
de minha mãe tão distante,  
o rosto meigo e querido.

A. M. DUARTE PORTO JUNIOR.

#### OS LIVROS

**O**s livros são os melhores companheiros da velhice, assim como o papel e a pena, os verdadeiros amigos da mocidade; os livros são ainda os inspiradores d'esta.

La Fontaine, quando era moço, ouvindo ler um

trabalho poético de Malherbe, exclamou: « Eu tambem sou poeta ! » Despertara-se o genio do fabulista.

Quantos pensadores e letrados não devem aos livros a sua illustração ?

A leitura não faz só com que os homens se instruam; faz ainda com que entrem com zelo nos negócios serios da vida.

Com bastante verdade se diz: « Os bons livros parecem-se com ás boas accções. » A razão, é porque dilatam e liberalisam o espirito.

O livro foi, é, e será sempre, o amigo fiel do homem.

J. A. DE SOUZA LAURINDO.

4 — 12 — 82.

#### SONETO

O. D. C. .

AO CENTRO LITTERARIO

**A** postos litteratos ! à tribuna !  
A's lides do progresso e da razão !  
Vós combatéis em prol da civilisação,  
Como outr'ora Pethion pela Communa.

Sois de talentos a maior columna  
Conductora do facho da instrucção !  
O ideal do povo... A sua aspiração  
E' que a ideia vos ligue e vos reúna

Sahindo de uma esphera acanhada,  
Saíndo do progresso a alvorada  
Tão clara como o fôco planetario.

E pois, commigo, oh ! crente mocidade,  
Dai um viva á imprensa e a liberdade,  
E um outro, enorme, ao *Centro Litterario*

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1881.

CARLOS DA COSTA FONTELLA.

#### A ROMARIA DO SENHOR DE MATTOZINHOS

**E**NTRÉ as muitas romarias que, ainda hoje, é uso fazer-se em Portugal, esta, a chamada do « Senhor de Mattosinhos », é sem duvida das primeiras, não só pelo modo singular de reflectir o carácter da nacionalidade portuguesa, como particularmente por ser das mais concorridas e apreciadas. Notam-se no concurso d'aquela grande festa camponios de todos os lados d'aquela velha terra, representando os vestidos de cada província nas roupas absolutas com que se apresentam nas occasões de gala; de modo que parece ao observador que vai vendo passar as idades n'aquelle modesto *carnaval*, se assim podemos nos exprimir.

Avistam-se no meio da turba verdadeiros typos, anchos da grandeza que arrotam com aquelles traços de domingo, vestidos de amplas calças de *saragoça*, collete de seda lavrada, casaca, ou antes *jaqueta* de grandes alamares, e em cima de tudo isso, dominando aquelles montes de povo — e salpicando o horizonte, as cartolas portuguezas, as celebres cartolas de amplas abas e de copa caprichosa, que são-nos objectos de

sancta veneração, pela quantidade de gerações que qualquer dellas representa.

As mulheres, de vestidos apanhados, deixando vêr as classicas *saias de baéta*, andam direitas a modo de *vitrines* ambulantes, com o pescoço vergado sob o pêzo de enormes *arrecadas* de ouro, grandes corações pendentes das orelhas á maneira de brinco, e as cabeças encimadas por chapeusinhos prezados por lenços de cassa e ornados de espelhos pequenos que refrangem em todo o sentido os raios da luz.

Em tudo aquillo, entretanto, reina um tal cheiro de sancta espontaneidade, e de virtuosa moralidade, que se não fossem os apertos e os empurrões a que fica sujeito o corpo de uma pobre *criatura* atirado n'aquelle meio, eu ainda hoje fallaria com saudade d'aquella sympathica festa, em vez de jurar, como o fiz, de não mais tornar alli nos dias de romaria.

Foi causa d'esse meu protesto, um pequeno incidente de que fui vítima, a ultima vez que lá fui.

Iamos, eu e dois amigos, e, depois de muito esforço empregado para vencer a onda compacta da multidão, conseguimos chegar ao adro da igreja, reflecto de homens e mulheres, onde, á falta de polícia, policiavam dois honrados lavradores do lugar, encostados bizarramente nas suas grandes espingardas.

Aqui, uma mulher com um cantaro á cabeça e um copo na mão gritava:

« Agua fresca !... » Ali uma vendedeira de doces:

« Olha os bons doces de Paranhos, freguez !... » Um italiano encostado ao seu panorama chamava a concordancia com estas palavras:

« Tuto ló mundo por uno vintem !... »

Deixámos tudo isso e aproximamo-nos da igreja... ah! mas outro espectaculo chama-nos a attenção: é uma mulher que está vendendo brinquedos e a quem dois garotos empalmam dois assobios e fogem seguidos da pobre mulher que corre chorando a vêr se os alcança. Mas enquanto ella corria atraz dos dous rapazes, outros aproximavam-se da meza e filavam o que melhor podiam; isto fez-me tir, e abandonamos este lugar para vêr se entravamos na igreja; mas era impossivel: as devotas postadas nas portas e a multidão que enchia a igreja, tornavam difícil a entrada.

Fomos á *casa dos milagres*. Ali um espectaculo soberbo offerecia-se ás nossas vistas: uma mulher pesava-se na balança (que alli tem para os devotos), e o sachristão dizia-lhe que pezava dez arrobias.

— Mas como pôde ser isso ?... — gritava a mulher — « pois eu pezei-me a semana passada lá na freguezia e pezava só quatro arrobias e meia, e agora a pezo dez ! »

— « Mas a aenhora tire essas *arracadas* que pezará menos ! » — disse o sachristão.

— Tem razão !... respondeu a lavradeira tirando as *arracadas* do pescoço e enfiando-as no braço. — « Beja lá quanto peso agora !... »

— O mesmo, — disse o sachristão, — pois a senhora está com as *arracadas* no braço; de-as a alguem p'ra segurar, e verá como peza menos. —

— Eu dál-as !... gritou furiosa a lavradeira, — toda a minha fortuna !... Abrenuncio !

— « Pois então queira retirar-se que têm mais gente para se pezar. » —

Com effeito, o povo começava já a murmurar.

A muito custo conseguiram tirar a mulher da balança, pois não queria sahir sem pezar as quatro arrobias.

Sahimos d'este lugar e dirigimo-nos para as barracas de *peixe frito* e vinho verde; aqui n'uma taboleta lia-se: « ao Vom Binho » ali outra: — « Come-se e Veve-se » — e muitas outras, mais curiosas; viam-se alguns amantes de Baccho estirados debaixo d'algumas pipas saboreando os effeitos da embriaguez; outros convidavam os seus amigos: « Olá! ó Zé! veve um qartilho de berde, não faças ceremonias! »

Fomos á feira de louça; isto sim: — bôas mulheres são as d'Avintes e Penafiel que vêm vender louça a esta romaria!

Um dos meus companheiros não tirava os olhos d'uma vendedeira de louça, moça de olhos azues, etc.

Depois de termos admirado todas as curiosidades d'este arraial, e cheios de callos nos pés, cançados de tanto andar, resolvemos ir embora e voltamos pelo mesmo caminho.

Mas o melhor estava destinado para o fim !...

Quundo passava-mos perto d'uma roda de dança (canna verde), eis que sinto pizarem-me o pé com tal brutalidade e força que dei um agudo grito de dôr que foi acolhido das gargalhadas de todos os espectadores d'esta scena.

Era um enorme *sóco* d'um lavrador que pelos effeitos da embriaguez caminhava cambaleando.

Foi tão forte a dôr, e a vergonha que senti, que fiz o juramento de nunca mais ir a romaria do Senhor de Mattosinhos.

João J. PINHO E SILVA.

### A PRIMAVERA

Poetas! A primavera  
Vem alegre em suas festas,  
Espalhando pelos ares  
O aroma das florestas.

Meiga, gentil, formosa,  
Coroada de mil flores,  
Ella traz doces saudades  
A quem se nutre d'amores.

Ora pousa nos outeiros  
A contar-lhes seus segredos,  
Ora passa do mansinho  
A beijar os olivedos.

As avesinhás ainda  
Se conservam nos seus ninhos:  
Só raras vezes se ouve  
O piar dos passarinhos.

E, quando o sol despontando  
Além, nos mostra o clarão.  
A natureza em seus hymnos  
Salva o rei da criação.

ALVARO BAPTISTA.

## O ANJO DO LAR

A D. ANTONIETTA D. PORTO

**E**u vi um anjo louro meigamente gentil, sobre o tapete, ajoelhado, que todo entregue á fraternal cuidado banhava as plantas de um irmão doente!

Tinha tanta poesia commovente aquelle quadro vivo e animado, que eu senti meu peito asoberbado da angelica vizão resplandecente,

E todo absorto na ideal miragem julguei ver-lhe nos hombros divinas as niveas azas e prestes a vôar!

Tu és, anjo de Deus, candida imagem, da doce Providencia dos mortaes, divina Caridade, — anjo do lar! —

ARARY.

## PENSAMENTOS

Assim como o coração é a pendula do nosso corpo, tambem a inteligencia, é a do nosso espirito.

A guerra é uma fera, e a civilisação deve encarregar-se de domal-a.

A humanidade, é uma luta constante da vida pela vida.

O homem ignorante, é como uma vela sem pavio.

O plagiario, assemelha-se muito ao papagaio.

LUCRECIO DE OLIVEIRA.

## A. D. CECILIA DE OLIVEIRA

## DEDICADO

**C**ECY! Nome suave e harmonioso! Tão cheio de poesia, que ao ouvil-o julga-se ouvir enamorado trilo do doce thiê ou sabiá mimoso!

Tão brando como a brisa que cicia suspirando nos leques da palmeira: como harpejos de lyra brasileira enflorada de loira phantasia!

Quem tem tão doce nome, certamente tem o porte gentil, bell'almaa rdente, iriada da luz das primaveras!

E sei que amas os — livros — e procuras librar teus pensamentos, nas alturas, das serenas e lucidas espheras!

Dezembro — 15 — 82.

NÉMO.

## LEMBRANÇAS DE TRAZ OS MONTES

**G**EMBRO-ME ainda, e com amarga saudade, da minha terra querida. Eu era bem pequeno e brincava á margem do Tamega. Se apanhava no laço visgoso alguma incauta avesinha, corria orgulhoso e contente á mostral-a á minha santa mãe, que me reprehendia carinhosamente dizendo: « — Meu filho, não faças mal aos passarinhos, que tambem são criaturas de Deus. Sa-

bes tu se essa avesinha tem os filhinhos a chorar por ella e a esperar que lhe leve o alimento? Solta, meu filho, solta esse passarinho, e não apanhes mais nenhum, que isso é peccado, e o Senhor do céo pôde castigar-te. » Mas eu não soltei o passaro, e elle morreu de tristeza e de dôr. No dia seguinte, voltei a armar o visgo.

Saltei de contente quando vi preso o passarinho, e já vinha correndo para casa, quando uns rapazes, meus vizinhos, cercaram-me para tirar-me a preza. Resisti, lutei e defendi minha conquista: na refrega veio uma pedra certeira e feriu-me na cabeça; cahi sem sentidos. Quando voltei a mim, estava estendido na minha cama e todo ensanguentado. Minha mãe velava cuidadosa á minha cabeceira, e me disse meigamente: « — Eu bem te dizia, Antonio, o Senhor do céo castigou-te porque teimaste em fazer mal ás avesinhás! »

Lembro-me ainda, e tenho amargas e crueis saudades d'aquella Santa querida, d'aquella idade feliz, e das margens risonhas do meu Tamega.

ANTONIO JULIO RODRIGUES.

## RECOMMENDAÇÃO

## QUERIDA ESPOSA

**S**e petulante *Romeu*  
Réles, pinga, indecente,  
Perguntar ardente mente  
Qual seja o nome teu,  
Responde com acrimonia  
(*Com quatro pedras na mão*)  
«Que não sabes se és Antonia,  
Rita, Rosa ou Conceição.»

E se *elle* reincidir,  
Manda-me então prevenir  
Por uma missiva tua:  
Porque eu em lá chegando  
E o tal *tipo* encontrando...  
... Zás! n'elle... *Olho da rua!*

Jeso.

## CASPITE!

I

Estava na penumbra. Mas ao longe eu vi-a  
Esbelta e donairosa.

II

Então segui-a

III

Parou.

IV

Parei.

V

Fitou-me com amor...

VI

Era a minha sogra

VII

Horror!

ABEL PORTO.